

AS CAUSAS DAS DIFICULDADES DO ARTESANATO GUARANI MBYA: AS QUEIMADAS E O DESMATAMENTO, NA ALDEIA RIO DA LEBRE TAPIXI, NO PARANÁ

Maria Eloa Gehlen¹
Jani Jaxuka Veríssimo²

Resumo

Este trabalho apresenta o jeito de viver dos Guarani *Mbya* e o seu artesanato, a cestaria. Por que não estão sendo dados, para os filhos, esses ensinamentos? O objetivo é apresentar a importância que tem para os Guarani *Mbya* a cestaria, uma identificação como *Mbya*. A metodologia é qualitativa, com pesquisa bibliográfica e entrevistas com artesãos, em um estudo de caso. Este trabalho contribuirá para ser efetuado material didático na escola indígena da aldeia guarani. A conclusão é que a cestaria deixou de ser importante, porque os *Mbya* não mais conhecem o que faz parte da sua identidade cultural, uma parte da cultura milenar que está se perdendo. Há necessidade de oficinas de artesanato guarani na escola, como meio relevante de resistência.

Palavras-chave: cestaria; valorização; resistência; cultura; Guarani *Mbya*.

Resumen

Este trabajo presenta el estilo de vida Guarani Mbya y su artesanía, la cestería. ¿Por qué los padres no pasan sus tradiciones a sus niños? El artículo objetiva presentar la importancia de la cestería a los Guarani Mbya, un modo de identificación Mbya. La metodología es cualitativa, desarrollada por medio de una revisión de literatura y entrevistas semiestructuradas con personas que producen las artes, en un estudio de caso. El trabajo aportará a la producción de materiales didácticos en la escuela indígena Guaraní del pueblo. La conclusión es que la cestería ha dejado de ser importante porque los Mbya ya no conocen lo que constituye su identidad cultural, una parte de la cultura milenaria que se está perdiendo. Además, hay la necesidad por talleres de artesanía Guaraní en la escuela como forma relevante de resistencia.

Palabras-clave: cestería; valorización; resistencia; cultura; Guaraní Mbya.

1. Introdução

Para demonstrar o jeito de viver dos Guarani *Mbya* e analisar os problemas atuais na comunidade Guarani *Mbya* do Rio da Lebre, no Paraná, efetuei uma pesquisa *in loco*. Quais as causas e as circunstâncias que estão levando os jovens indígenas Guarani *Mbya* a não praticarem mais o artesanato da cestaria?

Constato que, na comunidade do Rio da Lebre, na Terra Indígena Rio das Cobras, em Nova Laranjeiras, no Paraná, há poucas pessoas que praticam o artesanato da cestaria.

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2015). Professora Adjunta na Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul, PR.

²Licenciada em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul, PR.

Atualmente, as queimadas dificultam o acesso à matéria-prima, a tendência é que a cestaria não seja mais praticada pelas próximas gerações, porém, a ideia é buscar, estudar e registrar a sua importância e o que ela representa para os Guarani *Mbya*.

Também é necessário denunciar os problemas encontrados em relação à cestaria e buscar um meio de mostrar que esta atividade precisa ser fortalecida, uma vez que ela vem de nossos ancestrais e representa uma expressão da nossa identidade cultural.

Inicialmente, trato da comunidade, suas características, o jeito atual de ser Guarani *Mbya*, sua agricultura, as comidas típicas, o casamento, a casa de reza e sua imensa transcendência, as festas da aldeia, a importância da ancestralidade e as crianças *Mbya*.

Na sequência, traduzo aspectos históricos da aldeia do Rio da Lebre, sua memória, seus fatos, o risco do desmatamento para a comunidade Guarani *Mbya*, a destruição da natureza e dos materiais utilizados para fazer o artesanato de cestaria.

E, por fim, apresento as palavras de seis artesãos que ainda fazem o artesanato de cestaria e o que significam para eles as queimadas realizadas. A metodologia é qualitativa com revisão bibliográfica, um estudo de caso e visitas a todas as casas da comunidade, para averiguar quem faz artesanatos, como observação participante.

O objetivo compreende mostrar a realidade do que está acontecendo em relação à cestaria Guarani *Mbya*; conscientizar os educandos e educadores de que o tema da cestaria precisa ser aprendido; também proporcionar aos educandos uma reflexão do tema, trazendo o artesanato para a realidade dos jovens que frequentam a escola, destacar a relevância do tema e buscar elementos para ter oficinas de artesanato de cestaria Guarani, assim como métodos para fortalecer a história e a cultura milenar dos Guarani *Mbya*.

O interesse pelo tema veio crescendo pelo fato de vivenciar e observar os problemas, as causas que se encontram presentes no cotidiano da comunidade Guarani *Mbya* do Rio da Lebre, da qual faço parte, em relação à cestaria e a sua cultura. Assim, demonstro que a cestaria está se perdendo. Analisando a aldeia, verifico que nenhuma criança *Mbya* aprendeu a fazer *varai para`i* (cestaria) porque ela não está sendo ensinada; a tradição não está passando dos pais para os filhos

É importante ressaltar que esta pesquisa do artesanato da cestaria será um material que possibilita contribuições para esta comunidade indígena Guarani *Mbya* no futuro, pois se percebe que na *tekoa* (aldeia) a tendência é que as matérias-primas possam desaparecer e a

prática se tornar insustentável pela devastação ambiental que está ocorrendo a cada ano, na Terra Indígena Rio das Cobras, no Paraná.

O resultado preliminar indica que as queimadas e o desmatamento no território dos Guaranis *Mbya* têm efeito devastador na brotação das taquaras, material imprescindível para ser efetuado o artesanato de cestaria. Também o cipó utilizado na confecção desses artefatos encontra-se em diminuta quantidade nas matas. As queimadas e o desmatamento estão exterminando a matéria-prima necessária para ser efetuado o artesanato pelos Guaranis *Mbya*.

A destruição do meio ambiente nesta aldeia, causado pelas queimadas e pelo desmatamento, também está impactando com severidade as nascentes de água e dificultando o acesso dos Guaranis *Mbya* a água.

2. O jeito guarani mbya de ser na aldeia do rio da lebre, no Paraná

Sou Guarani *Mbya* e estou na Aldeia Rio da Lebre há 30 anos. A aldeia fica a 20 quilômetros do Município de Nova Laranjeiras, pertencente à Terra Indígena Rio das Cobras, situada no estado do Paraná.

O jeito de ser Guarani *Mbya* atual demonstra que os guaranis que habitam na *tekoa* (aldeia) estão e são diferentes no seu modo de ser, como consequência da aculturação que todos os indígenas sofrem no seu modo de viver, pelas mudanças contínuas nas sociedades dos brancos. Assim, entre os erros comuns na abordagem das culturas indígenas nas escolas, podem ser listados:

- **A aculturação:** ideia de que os indígenas estão perdendo a cultura. “Deve-se levar em consideração que a cultura é fluida, está sempre em movimento, não é estática. Portanto, todos os povos sofrem influências e modificações ao longo dos anos” (FLORES, GOMES, CASAGRANDE, 2022, p.11).
- **A utilização do termo “índios”:** tal palavra deveria ser abolida de nosso vocabulário, pois remete à denominação dada pelo colonizador, que generaliza os povos e as culturas indígenas, induzindo ao apagamento. Deve ser substituída pelo nome da etnia ou por “povos indígenas” (FLORES, GOMES, CASAGRANDE, 2022, p.12).

A comunidade *Tapixi* tem aproximadamente 18.000 hectares. Nela moram 70 famílias: 210 pessoas incluindo 71 crianças. As famílias, na sua maioria, moram em casas de material e madeira, algumas moram na casa feita de *yvyra* (madeira).

Por outro lado, vários costumes permanecem vivos e são praticados pelos *Mbya* na comunidade, como, por exemplo, frequentar a *opy'i* (casa de reza), cantar, fazer batismo como

ka'a nhemongarai, *ei 'i / mbojape' i* (são rituais muito importantes e sagrados), fumar *pentyngua* (cachimbo sagrado) e trabalhar de modo coletivo.

Os *Mbya* são considerados um grupo muito espiritualizado, até hoje, porque, de qualquer forma, estão sendo preservadas informações acerca do que é sagrado e o que representa isso para os *Mbya*. O *petyngua* (cachimbo) é um objeto sagrado que faz parte da cultura guarani *Mbya*. Além dos *Xamoi* (curandeiros), os *Mbya* têm o hábito de fumar o seu cachimbo sagrado.

É importante ressaltar que a *opy'i* (casa de reza) é um dos principais redutos que mantém os Guaraní *Mbya* vivos na questão da religiosidade e resistência, em que o *Xamoi* oralmente dentro da *opy'i* passa muitas mensagens divinas, sonhos, conhecimentos e saberes que somente os guaranis conseguem entender e acreditar.

Na agricultura (*Ma'etya*), os *Mbya* plantam a cada *ara pyau* (primavera). Plantam milho *avaxi ete'i*, *avaxi tupi*, *avaxi xii*, *avaxi jukaa revê gua*, *kumanda huu*, *kumanda carioca*, *kumanda cavalo* entre outros.

Este cultivo é para o consumo e a venda, porque os *Mbya* já não sobrevivem somente da agricultura, necessitando de outros alimentos que fazem parte da alimentação do dia a dia, como farinha de trigo, farinha de milho, fubá, arroz, açúcar e macarrão. Ressalto que *kumanda* que *nhanderu* (Deus) deixou para os guaranis se alimentarem consiste em feijão natural do mato, que já não é plantado e raramente é visto, quase ninguém mais o come, somente algumas pessoas.

As comidas típicas (*Tembi'u régua*) não são mais preparadas. As mulheres que ainda sabem e fazem são as anciãs da comunidade. O hábito de comer comidas tradicionais também tem se perdido. Ainda são feitas *mbyta* (pamonha), *mbojape*, *kanjika* (canjica), *avaxi ku'i* (milho torrado e socado).

Os casamentos dos Guaranis *Mbya* (*Mendaa régua*) acontecem na *tekoa* (aldeia) quando a mulher e o homem gostam um do outro. O cacique faz o casamento. Além dos pais, outras pessoas podem estar presentes. Mas, quando há uma separação, é realizada uma conversa com o casal para tentar ajudar e solucionar o problema, mas, também, acontece dos mais jovens muitas vezes separarem e depois reatarem o casamento.

A questão da religiosidade para os Guaraní *Mbya* é muito importante. Eles frequentam a casa de reza (*Opy'i régua*) diariamente. Entretanto, nesta aldeia (*tekoa*) existem umas famílias

da Igreja Evangélica do Cristianismo Decidido. Assim, as famílias que seguem a igreja evangélica não participam das rezas da *opy'i*.

Bergamaschi (2016, p. 748) menciona que “*entre a alma divina e a alma animal, entre a vida terrena e a vida divina, tudo isso torna os Guarani ‘caminhantes’: cada um tem o compromisso de buscar a perfeição. Buscam a Terra Sem Mal com coragem, perseverança e força espiritual*”.

Na *tekoa* (aldeia) os *Mbya* frequentam *nhanderopy'i* todas as noites, algumas noites cantam, fumam *petyngua* (cachimbo sagrado). A *Opy'i* é um espaço sagrado, mesmo após milênios tem sido preservada. Em resumo, *opy'i* é a força dos *Mbya* para que continuem a ser o que são.

As festas dos Guarani *Mbya* (*Vy'aa régua*) aconteciam na comunidade nas comemorações do dia do índio no dia 19 de abril. Na escola, os professores faziam ensaios com os alunos para que realizassem apresentações no dia da festa, mas a maioria das apresentações das danças, brincadeiras e músicas não são voltadas à cultura Guarani *Mbya*.

Em 2019, a data de festa mudou para ser comemorada a cada ano no dia 7 de julho, pois é a data em que se celebra a vinda da primeira família Guarani *Mbya* (Verissimo) que veio morar na aldeia, ou seja, é recordado o aniversário, o início da aldeia Rio da Lebre (*Tapixi*).

As crianças Guarani *Mbya* (*Kyringue regua*), de todas as idades, da comunidade, quando não têm aula na escola, ficam brincando, jogando bola, conversando embaixo das árvores e ouvindo músicas. Além disso, os troncos de árvores, terra, água, pedaços de madeiras transformam-se em objetos de brinquedos ou de brincadeiras das crianças. Aquino esclarece que

As crianças que aprendem com seus processos próprios de aprendizagem têm muito mais facilidade de aprender em diversas interações dos meios, mantendo com orgulho o conhecimento tradicional passado de geração em geração justamente com o conhecimento da sociedade do entorno (AQUINO, 2012, p. 12).

Assim como têm respeito pelas crianças, do mesmo modo, os Guarani *Mbya* têm muito respeito pelos mais velhos, os anciãos, as pessoas antigas que transmitem nossa história, contando, oralmente, quem somos, de onde viemos, quais as nossas raízes, a cultura milenar, o porquê de fazermos o artesanato de cestaria de modo milenar.

Weil (2001, p.43) afirma que “*o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural em uma coletividade, que conserva certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro vivos*”.

Na aldeia funciona o Colégio Estadual Indígena “*Carlos Alberto Cabreira Machado*” – Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais e Ensino Médio –, situado na Rodovia PR 473, KM 11, na Terra Indígena de Rio das Cobras, Município de Nova Laranjeiras, no Paraná. É mantido pelo poder público estadual, administrado pela Secretaria da Educação do Estado, atendendo alunos indígenas da etnia guarani, em todos os turnos. São 85 alunos distribuídos em 9 turmas e 1 turma no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (Celem), com 22 alunos.

Esta escola indígena não possui oficinas para ensinar o artesanato de cestaria guarani para as crianças e os adolescentes. É necessário que se instituam essas oficinas de cestaria para que todos os guaranis conheçam sua arte milenar, que também sirva como meio de resistência de sua cultura.

3. Aspectos históricos da Aldeia do Rio da Lebre

A Terra Indígena Rio da Lebre faz parte das Terras Indígenas Rio das Cobras, no Município de Nova Laranjeiras, no Paraná. Os pioneiros foram os membros da família Veríssimo que, em 1966, vieram da aldeia Mato Queimado.

Com a autorização do cacique da Terra Indígena Rio das Cobras, Artur Veríssimo e família se mudaram para a Comunidade Indígena Rio das Cobras, na Aldeia Indígena Rio da Lebre, e não demorou muito para que outras famílias guaranis também viessem para ali se instalarem.

Conforme relatos dos anciãos da comunidade, a Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Rio da Lebre teve início por volta de 1972, frequentada pelo público guarani atendido na comunidade Papagaio (os guaranis chamavam rio Papagaio porque era o lugar onde as aves papagaio bebiam água) com aulas ministradas por professores não indígenas.

Muitas dificuldades foram encontradas nessa época, não havia transporte para o deslocamento, não tinha merenda nem material didático, as turmas eram multisseriadas e sem diferenciação da educação dada aos não indígenas.

O funcionamento da escola era de forma tradicional (reguada, grãos de milho e puxões de orelha). Como a merenda era precária, os alunos levavam de sua casa alimentos como batata doce, mandioca, amendoim e, no caminho, muitas vezes, colhiam frutos como guabiroba e coquinho para o lanche.

Em 1976, retornou a educação para a Terra Indígena Rio da Lebre, quando começou a funcionar a extensão da Escola “Marechal Cândido Rondon”, com a Resolução nº. 5.266/85

(PARANÁ, 1985). Esta escola funcionava em uma sala particular, mantida pela Associação do Cristianismo Decidido. Havia 50 alunos em uma sala multisseriada.

No início do ano de 1986, vieram para a comunidade Rio da Lebre o pastor Roberto Ale e a professora Sílvia Virgínia Ale. A escola passou, então, a atender alunos indígenas guarani e alunos não indígenas que residiam nas proximidades da escola.

Na década de 1990, a Terra Indígena do Rio das Cobras, onde está situada a Terra Indígena de Rio da Lebre, tinha como chefe da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Carlos Alberto Cabreira Machado, que veio a falecer tragicamente em um acidente de trator, preparando as terras para o plantio, por isso, a escola possui este nome em homenagem ao servidor público. A partir de 2008, a Instituição de Ensino passou a ser denominada Escola Estadual Indígena “Carlos Alberto Cabreira Machado” – Ensino Fundamental das Séries Iniciais, sendo mantida pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), através da Resolução n.º 5.445/08 (PARANÁ, 2008).

Hoje, utiliza-se o mesmo prédio, com quatro salas de aula que, de maneira improvisada, foram subdivididas em duas. Cada sala atende à demanda que contempla da Educação Infantil até o Ensino Médio, conforme Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Atualmente, no Colégio Estadual Indígena “*Carlos Alberto Cabreira Machado*”, há 80 alunos matriculados, seu quadro funcional é composto por 30 professores, com dez funcionários indígenas e 20 funcionários não indígenas. Os professores indígenas utilizam a língua materna na comunicação com seus alunos.

4. O artesanato fragilizado com as queimadas e o desmatamento

No passado, o artesanato era feito basicamente para uso próprio pelos indígenas Guarani *Mbya*. Hoje, em uma situação de uma renda e necessidades financeiras, o artesanato se tornou familiar.

Cada povo originário tinha ou tem seu próprio jeito de distinguir algo que faz parte da sua cultura. As influências com relação à cultura foram inevitáveis, pois os *jurua* (brancos) não tinham a compreensão de que os indígenas têm um modo de vida diferente do seu. A ideia equivocada dos brancos (*jurua*) a respeito dos indígenas, de que não eram civilizados e não tinham cultura, ficou camuflada e prevalece ainda muito forte na atualidade.

O povo Guarani *Mbya* se mantém em sua cultura milenar mesmo após ter sofrido imposições colonialistas por parte da sociedade não indígena. Apesar de terem sido modificados

o jeito de ser e de viver, ainda permanecem costumes que são praticados, tais como: *varai`i para`i* (cestaria); o batismo da erva mate (*ka`a nhemongarai*), que é feito para dar o nome em guarani para as crianças e adultos; o batismo do mel (*ei`i / mbojape`i*), que é um ritual que *Nhanderu* (Deus) deixou e ensinou antes da existência dos *nhende kuery* – por isso, esse ritual não será esquecido e estará vivo e sendo praticado pelos *Mbya*, enquanto existir *nhande kuery*.

No contexto atual da comunidade, analisando o modo de ser ou de pensar, poucos têm conhecimento de que o artesanato era uma atividade familiar no passado, que passava de geração em geração, há milênios. Deste modo, demonstro que o artesanato da cestaria não era somente uma atividade de caráter familiar, mas sim uma tradição cultural milenar. Convém ressaltar que os símbolos e os grafismos que constam nos artesanatos têm uma finalidade. Nesse sentido, Silva (2015, p. 22) esclarece a respeito do grafismo e os significados do artesanato da comunidade guarani:

[a] simbologia inserida no grafismo e no artefato, não só transmite a tradição que vem sendo passada de geração em geração, como também de comunicar a comunidade envolvente através de uma mensagem simbólica. Por exemplo, o *Petyngua* (cachimbo) traz consigo diversas informações, significados e o sagrado, pois é um objeto de cura de doenças espirituais.

Cada traço, cada símbolo impresso na cestaria artesanal dos Guaranis *Mbya* traduz uma mensagem, uma comunicação com os seus membros, assim como para os não indígenas que conseguem compreender este passado compartilhado. Mas, na cestaria, os maiores causadores do problema dos jovens não terem interesse pelo artesanato são, dentre outros: tecnologia, televisão, celular, futebol e música, que substituem o tempo das crianças, assim como dos jovens guaranis.

Verifico que a educação escolar é a segunda opção para os jovens guarani *Mbya* estarem aprendendo e fortalecendo sua cultura, pois a escola tem um caráter de educação escolar indígena diferenciada para os povos originários. Por isso, o papel da escola é trazer para as crianças e jovens a melhor forma de ensino, incluindo a valorização de sua cultura, não só em conteúdo, assim como nas atividades práticas, que podem ser efetuadas mediante oficinas, podendo buscar recursos, para inserir esses artesãos dentro do espaço escolar para estarem ensinando, na prática, aos alunos, a nossa cultura milenar.

Atualmente, existem muitos representantes dos povos indígenas que estão apontando os equívocos da escola ao abordar suas culturas, bem como caminhos possíveis para a construção de uma educação intercultural (GOMES, 2022, p.14). Ressalto o pensamento de Flores, Gomes, Casagrande (2022, p.14) ao afirmarem que

(...) serão sugeridas algumas possibilidades de como abordar as culturas dos povos indígenas na escola desde uma perspectiva intercultural. A literatura indígena é uma das formas mais conhecidas de abordar os ameríndios em sala de aula. A partir dela, traz-se a visão de autores de diferentes etnias sobre seus povos, suas culturas, seus modos de viver, dentre outros aspectos. Além disso, as obras indígenas abordam a ancestralidade, a busca pelo conhecimento de nossas origens, não só genéticas, mas também de um povo com uma memória, cultura e história coletiva.

É importante refletir sobre a enorme contribuição da escola em ter esta visão intercultural e respeitar a cultura milenar dos Guarani *Mbya*, seu jeito de ser e ver o mundo, sua mística, o conhecimento de sua história ancestral e o seu valor como povo originário.

Grupioni (2002, p.14) esclarece que:

Além do reconhecimento do direito dos índios de manterem sua identidade cultural, a Constituição de 1988 garante a eles, no artigo 210, o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, cabendo ao Estado proteger as manifestações das culturas indígenas. Esses dispositivos abriram a possibilidade para que a escola indígena se constitua num instrumento de valorização das línguas, dos saberes e das tradições indígenas, deixando de se restringir a um instrumento de imposição dos valores culturais da sociedade envolvente. Nesse processo, a cultura indígena, devidamente valorizada, deve ser a base para o conhecimento dos valores e das normas de outras culturas. A escola indígena poderá, então, desempenhar um importante e necessário papel no processo de autodeterminação desses povos (GRUPIONI, 2002, p. 14).

Assim, os indígenas, na escola, têm a capacidade de aprendizado. Há dificuldades na compreensão da língua portuguesa, que não é a sua língua materna. Destaco que, há cinco séculos, tentam exterminar a cultura indígena e não conseguiram fazer isso com todas as etnias. Ressalto que a escola já está formando alunos pensantes e precisa formar cidadãos indígenas capazes de conviver, valorizar a sua cultura e contribuir, tanto com o seu mundo como indígena, quanto com o mundo dos não indígenas.

Quanto ao artesanato, uma das causas da diminuição de sua prática na comunidade é a falta de matérias-primas; outra dificuldade é fazer a venda, e isso tem levado os artesãos a fazerem o artesanato por encomendas.

Os artesãos da comunidade Rio da Lebre estão comprando de outras pessoas que vão à procura de matéria-prima para o artesanato, principalmente do *guembepi* (cipó-imbira), nos lugares distantes da comunidade, pois não é mais encontrado no território onde a comunidade está localizada. *Takua rembo* (criciúma) é difícil de ser encontrada e o que ainda tem em alguns

lugares é *takua-ruxu* e *takua ete'i Iraity* (tipos de taquara) que são matérias-primas que os artesãos usam para fazer cestaria e outros artesanatos.

O desmatamento é um problema que se estendeu por todo território do Rio das Cobras, no Paraná, afetando todos aqueles que fabricam artesanato da cestaria, pois isso está acabando com a *takua*, que é a principal matéria-prima para a produção da cestaria.

Na comunidade Rio da Lebre, as nascentes de água, as minas de água e os poços estão secando, assim como está terminando a *takua* (taquara). Também, quando as *takua* começam a brotar, ocorrem queimadas e, assim, elas não crescem. Nos lugares planos da mata, são feitas queimadas imensas para destocar e depois fazer o plantio de culturas, como soja, milho e feijão.

Ao pensarmos na valorização da cestaria, são necessárias, então, novas estratégias para conseguir o material para efetuar o artesanato, o que pode ser feito pela comunidade, pelas lideranças, pela Educação Escolar Indígena diferenciada e pelos educadores indígenas atuando para conscientizar a respeito dos cuidados que a mata necessita para continuar existindo. Ultimamente, um dos eficientes métodos na comunidade tem sido o diálogo constante com as pessoas e as famílias a respeito das questões ambientais, do porquê de estar acabando a matéria-prima.

Recentemente um pequeno grupo de estudantes *Mbya* da comunidade tem buscado formas para iniciar um trabalho de ir conscientizando os Guarani *Mbya* a respeito da realidade e de sua cultura.

Os *Mbya* Guarani respeitam muito as fases da lua para preparar ou fazer qualquer coisa que seja de matéria-prima ou de madeira, para fazer artesanato ou casa de madeira para ter duração e resistência por mais tempo. Assim, Ladeira esclarece que:

O artesanato pode sempre ser feito, desde que se tenha material preparado, porque em *jaxy pyau* (lua nova) não pode nunca cortar taquara. As casas também podem ser construídas em qualquer tempo, ara yma e ara pyau, respeitando-se as fases da lua não apropriadas para o corte de plantas e madeiras (LADEIRA, 2008, p. 173).

De todo modo, tudo que será feito e construído deve ser preparado no *jaxy-nhepytu* (lua minguante), que é a lua mais apropriada. Por exemplo, o *takua* (taquara) assim como *guembepi* (*cipó*) extraído no mato pelo artesão no *jaxy-nhepytu* (lua minguante) é preparado nesta lua para não carunchar e quebrar fácil. Após preparar tudo, fazem vários artesanatos, como *varai'i* (cestinhas), *guyrapa'i* (flechas pequenas), *yrupe* (peneira), *nambixa* (brincos), *kua-regua* (anel), *poapy régua* (pulseira), também fazem tranças em canetas e pequenos porongos.

O artesanato de madeira tem o mesmo processo de preparação na questão da lua e ele reflete os animais, a natureza. Atualmente, são poucas as pessoas que sabem fazer. É uma tradição milenar do meu povo, que revela a resistência dos Guarani *Mbya* em proteger a sua cultura.

Na fabricação do artesanato, houve modificações profundas. Outra forma de se fazer artesanato é utilizando outros materiais, como miçangas e linha de pescar, pois esses materiais são mais fáceis de conseguir no comércio, sem depender da mata, porém revelam costumes dos não indígenas, não tendo relação com a nossa tradição milenar.

Assim, ocorreram transformações no artesanato, que era realizado como cestaria (com produtos da mata), e agora um grupo de mulheres realiza artesanato com miçangas (industrial). Assim como houve transformações no artesanato, foi também reduzida sua quantidade, uma vez que agora somente atendem pedidos e buscam adequar-se às demandas da sociedade.

5. A Pesquisa na aldeia, com artesãos, a respeito do artesanato

Apresento os relatos das pessoas entrevistadas a respeito de fazer ou não fazer o artesanato Guarani *Mbya*. O primeiro entrevistado, denominado A, relatou que:

Aprendi com 12 anos de idade a praticar, observando artesanato já feito. Até os 23 anos trabalhei e sobrevivi com a venda de artesanato. Depois parei. Os *Mbya* que estão com 20 a 30 anos não aprenderam porque os pais já não aprenderam quando eram crianças, então nem os filhos não aprenderão a praticar. Por isso, a escola passou a ser mais importante. A escola ensinou os *Mbya* a ser individualista. Para quem é artesão de verdade não falta matéria-prima, pois vamos atrás para confeccionar. Mas ainda quero fazer e mostrar para vocês varai para' i natural que é dos *Mbya*. Quero lembrar que na realidade ka' aguy está acabando, hetava' e kuery (brancos), por causa das queimadas e lavouras. Os mais jovens não irão aprender mais na prática, mas podem fazer trabalhos com artesãos que têm na aldeia, escrevendo a história da cestaria para vocês passar para os netos para gerações futuras, não na prática, mas pelas histórias registradas (Entrevista realizada 09 set 2021).

Este entrevistado reflete a respeito do desrespeito com a natureza mediante o desmatamento e as queimadas, que incidem na destruição da matéria-prima utilizada para realizar o artesanato de cestaria *Mbya*. Ele também trouxe a realidade da escola que foi implantada na aldeia do Rio da Lebre, pelos não indígenas, trazendo o individualismo aos jovens, o que não é uma característica dos Guarani *Mbya*, que primam pelo sentimento coletivo.

Souza (2002, p.231) explica que “o trabalho coletivo é ainda uma realidade em grupos guaranis atuais. Assim, este trabalho pode ser realizado por *mutirão* ou *puxirão* e pode ser dividido em: a) os trabalhos coletivos feitos para determinada pessoa; b) os destinados para a

coletividade”. Tais trabalhos devem ser visualizados como modo da solidariedade de um grupo de vizinhança.

Na sequência, o segundo entrevistado B, artesão disse:

Aprendi a fazer artesanato a partir de 13 anos de idade, hoje são poucas pessoas que continuam a fazer artesanatos, hoje em dia estão mais focados em estudos, pois há outros meios para ganhar dinheiro. Os jovens de hoje não praticam atividades porque os pais deixaram de praticar e não ensinam mais, por isso, a maioria não sabe e não tem conhecimento da importância e do valor que tem o artesanato. Eu, meu pai e minha mãe continuamos fazendo. Antigamente servia para uso do dia a dia e como fonte de renda para família. Futuramente devem buscar a união de todos, das lideranças, professores, comunidade, buscar recursos e projetos para desenvolver e realizar este trabalho (Entrevista realizada no dia 12 set 2021, pela autora).

Na voz deste entrevistado demonstra-se o desejo de que a escola, as lideranças da aldeia, os professores e a comunidade busquem recursos, façam projetos para ensinar o artesanato de cestaria para as gerações mais novas.

Para Bonfim (2011, p.425), *“a dinâmica cultural dos indígenas Guarani Mbya baseia-se na preservação desta identidade – entendida como ‘ser Guarani-Mbya’, que se dá pela perseverante transmissão dos conhecimentos Mbya, pela educação das suas tradições e de sua religião”*.

Os *Mbya* mantêm uma unidade religiosa, linguística e uma tenacidade na manutenção de seus costumes e tradições que lhes têm permitido reconhecerem-se com uma identidade própria; e nessa perseverança, o papel dos mais velhos, inclusive dos pajés (*Xamoi*) tem garantido tal manutenção (MARQUES et al., 2015, p.425).

O terceiro entrevistado, C, também artesão, disse

Aprendi a praticar o artesanato com 14 anos de idade, observando meus pais e tias fazendo. Naquela época, todas as crianças aprendiam a praticar com 12 a 14 anos de idade. Era uma atividade do dia a dia porque era um costume, sempre tinha um tempo para praticar artesanato. O interesse foi acabando a partir do momento que teve um contato maior com *jurua* na aldeia, então tudo começa a mudar não somente no artesanato, mas em todos os sentidos. (Entrevista realizada pela autora no dia 15 set 2021).

O artesão ressalta o interesse de fazer e praticar atividades de artesanato em cestaria, faz parte da cultura, mas o interesse foi diminuindo ao longo do tempo. Isso ocorre em função das matérias-primas estarem acabando, porque não tem mais mato, os *jurua* (não indígenas) estão acabando com tudo.

Este entrevistado revelou o que os autores denominam de aculturação. Bittar e Ferreira Junior (2000) e outros entendem que “[a] aculturação é o predomínio da cultura ocidental cristã na dominação do Novo Mundo”, como escreveu Darcy Ribeiro (1995, p. 59). Assim, foi exercida, até 1759, por duas forças opostas: “de um lado, a dos colonos, à frente de seus negócios; do outro, a dos religiosos, à frente de suas missões” (RIBEIRO, 1995, p. 59).

Bernardi (2007, p. 113) entende que “[o]s contatos culturais causam as transformações no interior de uma cultura, por vias informais e formais, ocultas e patentes, dando lugar a fenômenos de encontro e desencontro, de aceitação e de recusa”.

A aculturação ocorre com o passar do tempo, pois estas mudanças exigem tempo, passam por caminhos tortuosos, mediante conflitos entre duas culturas diferentes. É uma maneira de negar a cultura do outro (indígena) e querer impor a cultura dos *jurua* (não indígenas), de maneira sutil.

Em suma, a aculturação atua como uma força entre a memória e o esquecimento, como elemento de desconstrução de uma cultura (indígena), com a aplicação e assimilação de outra cultura (a dos não indígenas).

O quarto entrevistado, D, relatou:

Aprendi a praticar desde criança vendo meus pais fazendo. No nosso tempo tudo era mais fácil de aprender a praticar artesanato porque não tinha televisão, celular, não jogavam bola. Atividade que se praticava no dia a dia era sempre sair cedo para o mato com meu pai para extrair *guembepi* da árvore, cortar taquara, lenha, a gente fazia tudo que era para fazer. Hoje, o artesanato perdeu valor. Meus filhos não aprenderam a praticar nem a valorizar artesanato, pois desde início não ensinei a praticar como não ensinei a darem valor, outro, que eles não tiveram interesse em aprender. Hoje as matérias-primas também estão difíceis de conseguir porque acabaram com mato e a árvore que dava *guembepi*, *taqua-ete*’i só se encontra brotos, pelas queimadas que acontece, isso não deixa *taqua-ete*’i crescer e florescer. Particularmente, se tivesse uma casa própria para fazer a venda dentro da aldeia eu gostaria de fazer tudo que sei, para mostrar a todos, antes de eu envelhecer. Todos aprenderão a dar valor para artesanato que é uma parte da nossa história, e continuo fazendo porque tenho prazer e gosto de ver o meu trabalho quando está pronto, é gratificante (Entrevista realizada pela autora no dia 02 set 2021).

Este artesão revela sua preocupação com a dificuldade de conseguir as matérias-primas para fazer o artesanato Guarani *Mbya*, pelas queimadas que destroem a natureza e não deixam brotar as taquaras, assim como manifesta seu desejo de continuar a fazer o artesanato, pois tem prazer e é gratificante realizar seu trabalho em madeira.

No filme “Uma Verdade Inconveniente: o que devemos fazer (e saber) a respeito do aquecimento global” (2006), apresentado por Al Gore, verificam-se as possíveis consequências

do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema, assim como as possíveis ações que podem ser feitas para amenizar e/ou evitar uma catástrofe climática.

O aumento da temperatura traz consequências graves para todo o planeta, pois a retenção de calor na superfície terrestre pode influenciar fortemente o regime de chuvas e secas, afetando as plantações e florestas (Costa, 2016).

A quinta entrevistada, E, relatou:

Minha mãe me ensinou a praticar o artesanato com sete anos de idade, hoje continuo fazendo para uso próprio. Às vezes tenho bastante *varai* e chaveiro de miçangas, mas o que falta é um espaço próprio dentro da comunidade para fazer a venda. O que é muito triste, porque está acabando tudo *ka' aguy*, porque estão fazendo muita lavoura e está secando a água, além das matérias-primas que são duas coisas importantes para nós. A confecção de artesanato para sobrevivência, aqui na comunidade, parou há muito tempo, há 20 a 30 anos, por isso os que têm essa idade não aprenderam. A escola é a esperança para essas crianças aprenderem, porque tenho certeza que os artesãos iriam contribuir para ensinar as crianças na escola. Eu lembro que quando eu estava estudando, o professor, ao invés de dar aula de educação física, ele teve a ideia para alunos fazerem artesanato dentro da sala de aula. É triste saber que hoje não valorizam e perderam o interesse em aprender (Entrevista realizada pela autora, no dia 30 ago. 2021).

Na voz desta artesã, é dado o relevo que ela acredita na escola como força propulsora para que as crianças Guarani *Mbya* aprendam a fazer o artesanato de cestaria, mediante oficinas que podem ser ministradas por professores artesãos, que se encontram disponíveis para ensinar e continuar com essa arte milenar guarani.

No seu depoimento, desponta o verbo esperar de que é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir.

O sexto entrevistado, F, relatou:

Eu aprendi com sete anos de idade. Aprendi com meu tio observando como eles faziam. Comecei a aprender a fazer artesanato de madeira, depois aprendi a fazer outros artesanatos. Mesmo que estamos do jeito de *jurua*, não podemos esquecer do *nhandereko* (do nosso modo de ser), e o artesanato é um desses. Hoje não é impossível ensinar para todas as idades, vai depender também do artesão. Eu gostaria de fazer e vender porque eu preciso, nas necessidades em que todo mundo se encontra e também porque eu não tenho nenhum estudo. Só sei fazer artesanato e, outro, que sobrevivi vendendo artesanato quando morava em outra aldeia. O artesanato representa *nhenderu' i kuery* como animais,

floresta, porque tudo que se encontra na natureza tem vida (Entrevista realizada pela autora no dia 11 ago. 2021).

Quando este artesão faz o artesanato em madeira, com a representação de animais, da floresta, da natureza, traduz aspectos importantes para os guaranis que traduzem a vida que não pode ser destruída. Salienta que não pode ser esquecido o modo de ser Guarani *Mbya*, que pode ser revivido pelo artesanato e ter a memória de nossa cultura ancestral, ensinando-a para todas as idades.

Também foi realizado um levantamento na comunidade, mediante visitas às casas, como observação participante com este resultado: a) não foi identificada nenhuma criança guarani que faz ou aprendeu a fazer arte da cestaria; b) oito pessoas são artesãos em geral; c) cinco pessoas que praticam artesanato em madeira, mas nenhum dos filhos aprendeu ou faz na prática; d) foram identificadas 12 mulheres que praticam artesanato de miçangas; e) o total das pessoas que fabricam cestaria é de sete pessoas: quatro mulheres e três homens; f) foram identificadas duas pessoas que fazem cesto cargueiro.

6. Considerações finais

Esta pesquisa intencionou compreender a importância do artesanato da cestaria para os Guarani *Mbya* e as razões de não ser efetuado pelos jovens, resultando na perda deste conhecimento artesanal milenar.

Foram efetuadas entrevistas com artesãos que fazem este artesanato com cestaria, miçangas e madeira, além de visitas às casas da aldeia, para verificar quem faz artesanato. Também, justifico esta pesquisa por ser Guarani *Mbya*, por morar nesta aldeia do Rio da Lebre, conhecer a comunidade e saber quem realiza os trabalhos com artesanato.

Foi efetuada a apresentação da comunidade Guarani *Mbya*, suas características, o jeito de ser e viver como um Guarani *Mbya* na *tekoa* (aldeia) Rio da Lebre, na Terra Indígena Rio das Cobras, em Nova Laranjeiras, no Paraná. Na sequência, houve o relato dos aspectos históricos da aldeia do Rio da Lebre, sua memória e o início da efetivação desta aldeia.

Depois, foi efetuada uma reflexão a respeito do artesanato cestaria Guarani *Mbya*, as consequências do desmatamento, das queimadas e a falta de matéria-prima para o artesanato, assim como as mudanças ocorridas com as novas gerações, mediante as transformações da cestaria com taquara para o artesanato com miçangas.

As queimadas inutilizam os brotos das taquaras, assim como terminam com o cipó utilizado na feitura do artesanato Guarani *Mbya*. O desmatamento é outro problema grave, visto que há dificuldades imensas de conseguir-se as taquaras e o cipó, matérias-primas essenciais para a feitura destes trabalhos manuais. Além disso, o impacto das queimadas e do desmatamento também está secando as nascentes e gerando a dificuldade em encontrar e ter água, destruindo o meio ambiente desta aldeia.

Entendo que a cestaria (*varai para'i*) está deixando de ser importante porque os *Mbya* da comunidade não mais conhecem o que faz parte da sua identidade cultural. Os pais artesãos não estão passando e ensinando seus filhos. Isso significa uma perda da cultura milenar que não está sendo preservada. Há necessidade de oficinas práticas de artesanato guarani na escola, como meio de ensinar às crianças e aos jovens essa prática cultural guarani, além de também servir como meio de resistência e sobrevivência desta cultura.

É importante refletir sobre a questão da aculturação, do desmatamento, das queimadas, das fontes de água estarem secando e a destruição efetuada do meio ambiente perto da aldeia. Também, deve-se dar relevo à importância da escola ser dos indígenas Guarani *Mbya* e, assim, ela propor oficinas, ensinar o artesanato da cestaria e em madeira para os mais jovens, como parte da cultura herdada de nossos ancestrais.

O trabalho do artesanato, como cestaria, obtém importância como um legado de nossos ancestrais indígenas guaranis *Mbya* e hoje faz parte da vivência de alguns indígenas da aldeia.

Prospecto a esperança de que as novas gerações possam aprender a fazer o artesanato, valorizando sua cultura, assim como aprendendo dos artesãos que se dispõem a ensinar e dar continuidade aos conhecimentos adquiridos dos anciãos.

Há muito que se conhecer a respeito do *tembiapo* (artesanato), o seu verdadeiro significado para os Guarani *Mbya*. Isto dá incentivo, expectativa e confiança aos artesãos para voltarem a praticar mais e buscar uma forma de ensinar às crianças *Mbya*.

Este trabalho da cestaria é uma questão a ser realçada dentro da comunidade para dar início à reflexão e buscar formas de inserir os artesãos dentro do espaço escolar, como professores em oficinas. Vejo que há possibilidade dos professores indígenas, educandos e artesãos trabalharem juntos. Entretanto, será preciso apoio para a realização desse trabalho de fortalecimento do artesanato da cestaria, o qual faz parte de nossa cultura milenar.

Referências bibliográficas

AL GORE. **Uma verdade inconveniente**. Documentário. Disponível em: <https://investidura.com.br/biblioteca-juridica/resenhas/filosofiadodireito/1446-resenha-documentario-uma-verdade-inconveniente-al-gore> < Acesso em 22/10/2022.

AQUINO, Elda Vasques. **Educação Indígena e processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá**. Antes da escola, na comunidade Indígena de Amambai, Amambai-MS. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco -UCDB, Campo Grande, 2012

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70 - Grupo Almedina, 2011.

BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, A. L. T. Crianças indígenas, educação, escola e interculturalidade. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 741-764, ago. 2016.

BERNARDI, B. **Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BITTAR, M.; FERREIRA JUNIOR, A. Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16. **Revista Bras. Est. Pedag.** Brasília, v. 81, n. 199, p. 452-463, set./dez. 2000.

BONFIM, T. H. **Saúde mental e sofrimento psíquico de indígenas Guarani-Mbyá de São Paulo: um relato de experiência**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTA, A. P. A. GORE JR., A. A. Uma verdade inconveniente - o que você precisa saber (e fazer) sobre o aquecimento global. **Revista de Geografia**, Recife, v. 33, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229169>. Acesso em: 16 abr.2023

FLORES, Cristine Gabriela de Campos; GOMES, Luana Barth; CASAGRANDE, Cledes Antonio. Abordagens das culturas indígenas na Educação Básica brasileira: reflexões para um ensino intercultural. **Práxis Educativa**. Dossiê: Relações étnico-raciais: práticas e reflexões pedagógicas em contextos, espaços e tempos. Ponta Grossa, v. 17, e19332, p. 1-19, 2022

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GRUPIONI, L. D. B. Do nacional ao local, do federal ao estadual: as leis e a Educação Escolar Indígena. In: MEC - Ministério da Educação. **Legislação escolar indígena**. 2002.

LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. Maringá/PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.

MARQUES, Daniela Filipa; SOUZA, Liliana Marques; VIZZOTTO, Marília Martins; BONFIM, Tania Elena. A Vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbya. **Psicologia & Sociedade**, 2015, 27(2), 415-427.

PARANÁ. **Resolução 5.266/1985**. Define o nome da escola, para Escola Rural Indígena Marechal Cândido Rondon, extensão Rio da Lebre. 1985.

PARANÁ. **Resolução 5.445/2008**. Define o nome da Escola para: Escola Estadual Indígena Carlos Alberto Cabreira Machado. 2008.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SILVA, A. **O grafismo e significados do artesanato na comunidade guarani da linha gengibre**. 2015. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, J. O. C. O sistema econômico nas Sociedades Indígenas Guarani Pré-Coloniais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/vsrdtpXSfx7D6L3VqrRFRrz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 fev. 2023

WEIL, S. **O Enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.